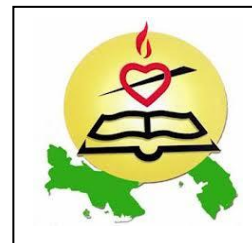


VIDA RELIGIOSA AGOSTINIANA

FRATERNIDADE AGOSTINIANA LEIGA



Introdução

Todos os cristãos fomos chamados à santidade: a plenitude da vida cristã e a perfeição da caridade. Mas os caminhos são diferentes. Uns abraçam o matrimônio. Outros seguem o sacerdócio. Há aqueles que escolhem viver na virgindade ou no celibato. Outros professaram o estado religioso, vivendo em comunidade de vida fraterna.

De uns e de outros se compõe a Família Agostiniana ou Ordem Agostiniana, suscitada pelo Espírito Santo na Igreja como uma fraternidade apostólica, para seguir a Cristo e difundir a sua mensagem sob o ensinamento espiritual de Santo Agostinho. Todos os membros, cada qual na medida de suas possibilidades, devemos prestar nossa generosa ajuda para tornar realidade à intensa união de almas e corações voltados para Deus, descritos por Santo Agostinho (cf. Const. OSA, nº. 51).

Dois princípios fundamentais configuram a natureza, espiritualidade, finalidade e estrutura de toda a Ordem Agostiniana: a agostinianidade e a fraternidade. A fraternidade é como o corpo da Ordem. Este corpo ganha vida pela agostinianidade.

O princípio de agostinianidade nos dá o direito e nos impõe o dever de ter a Santo Agostinho como guia e modelo, através do testemunho de sua vida e dos ensinamentos de seus escritos, para seguir a Cristo e nele orientar nossa ação, para Deus e seu Reino. Santo Agostinho é para nós principalmente um fiel discípulo de Cristo; devemos fazer o mesmo, seguir a Jesus Cristo, “único Mestre”.

“Ainda que com diversos títulos, a origem dos agostinianos seculares remonta ao século XIII. A configuração canônica definitiva foi dada pelo Papa Bonifácio IX a 7 de novembro de 1399. E por Paulo II a 31 de agosto de 1470. O Papa Júlio II a 2 de julho de 1512 declarou que os agostinianos seculares formam parte do terceiro grau da Ordem Agostiniana. Foram muitos membros que no decorrer dos séculos floresceram por sua santidade, zelo apostólico e cultivo da ciência.”

Sejamos sempre conscientes de que, “quando queremos aos irmãos por amor, os amamos por Deus”, pois, “os preceitos do amor de Deus e do próximo não existem nunca sem o outro” (cf. Sobre a Trindade, 8,8,12). “Aquele que ama seu irmão, permanece na luz, e não tropeça.” (1Jo 4, 10).

Coordenador de estudo: Alexsandro Antonio de Moura

VIDA RELIGIOSA AGOSTINIANA:

Frei Gregor Mendel: O monge no jardim



Gregor Mendel nasceu em 20 de julho de 1822, num pequeno povoado chamado Heinzendorf, na atual Áustria. Ele foi batizado com o nome de Johann Mendel, mudando o nome para Gregor após ingressar para a ordem religiosa dos agostinianos. Foi ordenado sacerdote no ano de 1847.

“Parece que ainda posso vê-lo na Backergasse, voltando para o mosteiro”, lembrou alguém que o conheceu naquela fase áurea, “um homem de estatura mediana, ombros largos, já um pouco corpulento, de cabeça grande e testa larga, os olhos azuis piscando amistosamente por trás dos óculos de aro dourado. Quase sempre usava não uma batina, mas os trajes leigos apropriados a um membro da ordem dos agostinianos trabalhando como professor. Chapéu de copa alta; uma sobrecasaca, geralmente longa demais; enfiadas para dentro de botas de cano longo”. Vestia-se com dignidade e discrição; convivia com os leigos, mas nem por isso deixava de ser um religioso que havia feito os votos de pobreza, obediência e castidade.

“Nós todos gostávamos de Mendel”, afirmou um estudante muitos anos mais tarde, depois que o ex-professor passou a ser considerado um herói da biologia moderna. “Lembro-me de um rosto bondoso”, disse outro, “de olhos suaves que muitas vezes tinham um brilho maroto, de cabelos claros e ondulados, de um corpo atarracado, de uma postura ereta, do modo como sempre olhava diretamente para frente; posso ouvir sua voz clara, reconhecer seu forte sotaque silesiano.” Às vezes esses mesmos estudantes colocavam a prova a proverbial paciência do mestre. Contam, por exemplo, que Mendel costumava entrar na classe com os bolsos cheios de ervilhas, que usava como projéteis para acordar os alunos que ousassem cochilar durante a aula.

As sombras começaram a diminuir no jardim. Gregor Mendel endireitou o corpo e retirou o chapéu que o protegia da brisa da manhã. Era quase meio-dia e o monge estava com fome. Enquanto recolhia as pinças e pincéis, talvez estivesse cantarolando e falando consigo mesmo, como costumava fazer depois de passar algumas horas com as ervilhas. Trabalhar com as plantas sempre o deixava de bom humor.

Acontecesse o que fosse a sua vida secular ou religiosa, Mendel sempre se sentiria em paz naquele jardim. Um dia passado no jardim, dizia, era uma espécie de ressurreição: “Todo dia, da primavera ao outono, nosso interesse se renova e o zelo que temos pelo que está sob nossos cuidados é assim amplamente recompensado.” A recompensa seria bem maior do que Mendel imaginava.

Morreu em 6 de janeiro de 1884 sem que tivesse, em vida, seus estudos reconhecidos. Somente no começo do século XX que alguns pesquisadores puderam verificar a importância das descobertas de Mendel para o mundo da genética.

Cf. HERIG, Robin Marantz. **O Monge no Jardim**. O gênio esquecido e redescoberto de Gregor Mendel, o pai da genética. Ed. Rocco, Rio de Janeiro, 2001.

Coordenador de estudo: Alexsandro Antonio de Moura

